

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO
REGIONAL

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

FRANÇOAR FERREIRA LIMA

**A JUVENTUDE RURAL NO ASSENTAMENTO ANTÔNIO DE FARIAS EM
CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ.**

Campos dos Goytacazes, RJ

2021

FRANÇOAR FERREIRA LIMA

**A JUVENTUDE RURAL NO ASSENTAMENTO ANTÔNIO DE FARIAS EM
CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciatura em
Geografia.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Érika Vanessa Moreira Santos

Campos dos Goytacazes, RJ

2021

Ficha catalográfica automática - SDC/BUCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

L732j Lima, Françoar Ferreira
A juventude rural no assentamento Antonio de Farias /
Françoar Ferreira Lima. - 2021.
59 f.

Orientador: Erika Vanessa Moreira Santos.
Coorientador: Maria do Socorro Bezerra De Lima.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Ciências da Sociedade e
Desenvolvimento Regional, Campos dos Goytacazes, 2021.

1. Educação rural. 2. Território. 3. Juventude. 4.
Produção intelectual. I. Moreira Santos, Erika Vanessa,
orientador. II. Bezerra De Lima, Maria do Socorro,
coorientador. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto
de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional. IV.
Título.

CDD - XXX

FRANÇOAR FERREIRA LIMA

**A JUVENTUDE RURAL NO ASSENTAMENTO ANTÔNIO DE FARIAS EM
CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Geografia.

Aprovado em: 01/10/2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a. Erika Vanessa Moreira Santos

UFF- Universidade Federal Fluminense

Profa. Dr^a. Maria do Socorro Bezerra de Lima

UFF- Universidade Federal Fluminense

Profa. Dr^a. Vanuza da Silva Pereira Ney

UFF- Universidade Federal Fluminense

AGRADECIMENTOS

Minha caminhada até aqui não foi fácil, para quem é filho de trabalhadores com ensino fundamental incompleto de uma família cuja formação no ensino superior não é uma realidade. Estar em uma universidade pública nunca esteve nos meus planos, com uma vida desde cedo voltado ao trabalho, o estudo nada mais era que uma forma de colocar no mercado de trabalho almejando um emprego sem necessidade de muito esforço. Contudo, minha trajetória no antigo CEFET Campos, hoje Instituto Federal Fluminense me permitiu trilhar caminhos importantes. Porém, a minha trajetória no mundo político do movimento estudantil pude aprender muito com meus acertos e erros, me envolvendo no grêmio estudantil, na FEC e participando de instâncias superiores em nível estadual e federal.

O que possibilitou entender o papel da educação, que para mim deixou de ser voltada para o mercado de trabalho, mas sim uma educação voltada para a mudança da realidade e dos problemas da humanidade. Desta forma, esta trajetória sem dúvida me levou a escolher a geografia como uma formação não só do ponto de vista de ter melhor acesso ao mercado de trabalho, mais antes disso, uma formação crítica e que me pudesse ampliar os conhecimentos em busca de interpretar e entender o mundo ao meu redor, com seus diversos fenômenos que constitui o mundo e a sociedade que conhecemos, seja de natureza física, humana, ambiental, política e etc. Pensar nessa trajetória é lembrar e relembrar diversas pessoas que contribuíram não só para a formação acadêmica, mais também pela formação humana, cidadã e crítica. São agradecimentos que tenho as instituições UFF e IFF, aos técnicos, servidores, professores e funcionários terceirizados que dedicam suas vidas à educação pública de qualidade.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha mãe e meu pai que dedicaram seus esforços para me ajudar nos estudos, em segundo lugar aos Professores Érika Moreira, Socorro Lima, Vanuza Ney e Leandro Bruno, que integram o NERU. Agradeço também a assistência estudantil da UFF Campos, a Professora Sheila e sua equipe, aos assistentes sociais que se dedicam a ajudar os alunos a conseguirem as bolsas de assistência estudantil junto a PROAES.

A cada um que acreditou em mim, me ajudaram nas disciplinas, nas pesquisas e na vida também. Agradeço a esperança que cada um mantém em uma educação que

seja transformadora da realidade e da sociedade dialogando com os diferentes atores que compõe o nosso cotidiano. Levo dentro de mim essa mesma esperança de uma sociedade mais justa e de uma educação crítica e transformadora que esteja em diálogo com a realidade e galgada na responsabilidade ética e profissional que é necessário ao educador segundo Paulo Freire.

Agradeço a diversas pessoas que conheci ao longo dessa trajetória, foram experiências boas e ruins que me possibilitaram aprender e melhorar enquanto pessoa. Agradeço aos professores do departamento de geografia da UFF Campos, que me ajudaram na minha caminhada e contribuíram para o meu aprendizado. Essa capacidade de transformação que a educação tem é fantástica! Porém tão necessária em tempos em que os educadores enfrentam grandes dificuldades nos processos de construção do currículo escolar e tão pouco são ouvidos pelos governos que prometem investir nessa importante área, mas só fica na promessa. A sociedade só sofre modificações positivas para o povo, se o povo participar dessas modificações.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso é uma discussão sobre o tema da juventude em especial no assentamento Antônio de Farias localizado no município de Campos dos Goytacazes – RJ. Os jovens tem sido uma preocupação na sociedade de forma geral, tanto na formação educacional como também nos acessos ao lazer, ao transporte, a saúde e também nos projetos de vida que cada jovem almeja. O que provoca certa preocupação sobre as possibilidades de permanência desses jovens na terra conquistada durante o acampamento do referido. Assim, esta pesquisa tem como objetivo contribuir com o tema da juventude rural discutir sobre a realidade em que os jovens estão inseridos no assentamento, considerando as relações com o rural e os possíveis condicionamentos que permeiam esses jovens. Para isso, caracterizar e analisar quem são os jovens moradores do assentamento Antônio da Farias. Compreender a realidade dos jovens do assentamento a partir de suas formas de territorialidades e Investigar sobre os jovens que se estabelecem no assentamento, atividades laborais, acesso à saúde e educação. Portanto para se realizar esta pesquisa, será adotada à pesquisa bibliográfica, a coleta de dados primários e secundários, sistematização dos dados, visitas de campo, aplicação da oficina pedagógica sobre compostagem. Assim como a utilização do método crítico-dialético, da pesquisa qualitativa e a observação participante se fazem necessárias. Uma vez que é necessário compreender as formas de socialização, de territorialização, as relações os jovens tem com o rural e sua percepção e perspectivas no assentamento. A juventude é uma categoria em disputa e complexa permeada por pressões internas (família) e externas (sociedade), bem como problemas relacionados a acesso a educação, saúde, lazer e a busca por autonomia financeira e Ascensão social.

Palavras-chave: Educação Rural, Território, Juventude.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CCTA – Centro de Ciências e Tecnologias Agropecuárias

CA – Classe de Alfabetização

EJA- Educação de Jovens e Adultos.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria.

ITERJ – Instituto de Terras do Estado do Rio de Janeiro.

MST – Movimento dos trabalhadores Sem Terra.

NERU – Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos.

OIJ – Organização Ibero-Americana de Jovens.

PEA – População Economicamente Ativa.

PET – Programa de Educação Tutorial.

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicilio.

TFP – Trabalho, Família Propriedade.

UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Localização do município de Campos dos Goytacazes – RJ.....	27
Figura 2: Localização das Usinas e dos assentamentos no município de Campos dos Goytacazes – RJ.....	35
Figura 3: Mapa de localização do assentamento Antônio de Farias.....	38

LISTA DE FOTOS

Foto 1, 2 e 3: Relatos da construção da composteira.....	46
Foto 4 e 5: Explicação do funcionamento da composteira.....	47
Foto 6 e 7: Participantes da oficina de composteira.....	48

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1: Assentamentos rurais criados em Campos pela atuação do MST.....34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número totais de jovens rurais e urbanos de 15 a 29 anos em Campos dos Goytacazes – RJ.....	28
Tabela 2: Número de estabelecimentos com a classe de idade do responsável, segundo a categoria agricultura familiar e não familiar, 2017, Campos dos Goytacazes, RJ.....	28
Tabela 3: Número de estabelecimentos com produtor-proprietário, segundo a classe de idade e categoria agricultura familiar e não familiar, 2017, Campos dos Goytacazes, RJ.....	29
Tabela 4: Número de estabelecimentos com concessionário ou assentado sem titulação definitiva, segundo a classe de idade e categoria agricultura familiar e não familiar, 2017, Campos dos Goytacazes, RJ.....	30
Tabela 5: Número de estabelecimentos com produtor-proprietário, segundo a classe de idade e sexo do produtor, tanto a categoria agricultura familiar quanto não familiar, 2017, Campos dos Goytacazes, RJ.....	30
Tabela 6: Número de estabelecimentos com concessionário ou assentado sem titulação definitiva, segundo a classe de idade e sexo do produtor, tanto a categoria agricultura familiar quanto não familiar, 2017, Campos dos Goytacazes, RJ.....	31
Tabela 7: Número de informantes, por estabelecimentos agropecuários, segundo a classe de idade e escolaridade, 2017, Campos dos Goytacazes, RJ.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
Metodologia.....	16
CAPÍTULO 1: JOVENS E JUVENTUDE RURAL: APORTE TEÓRICO	19
1.1. Formas de abordagem sobre a juventude (geral).....	21
1.2. Juventude Rural	24
1.3 Juventude rural do Antonio de Farias.....	28
CAPÍTULO 2: O MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES E O ASSENTAMENTO ANTÔNIO DE FARIAS.	30
2.1. O MST e o assentamento Antonio de Farias	36
2.2. Jovens e suas realidades	41
CAPÍTULO 3: JOVENS, EDUCAÇÃO E OFICINA PEDAGÓGICA NO ASSENTAMENTO ANTÔNIO DE FARIAS	45
3.1. Oficina no Assentamento Antonio de Farias.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE	58
ROTEIRO DA OFICINA.....	59

INTRODUÇÃO

A juventude é uma fase da vida humana em que o ser humano se descobre no mundo e com o mundo. Portanto, é caracterizado por oportunidades e condicionamentos que influenciam diretamente na sua perspectiva de vida. Desta forma, após um período de vivência que tivemos no assentamento Antonio de Farias, no ano de 2012, com a finalidade de moradia pude conhecer a realidade de um assentamento rural, foi possível perceber as dificuldades atinentes à vida dos jovens, em que constantemente eram associados aos estigmas do meio rural em detrimento do urbano, uma vez que o rural é visto como o lugar do atraso.

A presente pesquisa buscou compreender os jovens no assentamento Antônio de Farias no município de Campos dos Goytacazes, RJ e, em particular, a realização da oficina de compostagem realizada pelos Professores do Laboratório de Solos do Departamento de Ciências Agrônômicas da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e professores e alunos do Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos da Universidade Federal Fluminense (UFF) no dia 07 de dezembro de 2019, no lote 1 do núcleo 7 no referido assentamento cujo objetivo era dialogar com os jovens sobre agroecologia. Para isso, foi necessário compreender quem são esses jovens, como se relacionam com o lugar que vivem, com os familiares, com outros jovens, com a educação, com a saúde, com o acesso ao lazer, com a relação com o rural, com o trabalho e quais fatores sociais influenciam em suas tomadas de decisões e projetos de vida.

O assentamento Antônio de Farias foi constituído em 2000 abarcando 93 famílias, na área que pertencia à fazenda Santa Rita, localizada no distrito de Ibitioca na porção leste do município de Campos dos Goytacazes, RJ. O assentamento foi constituído no formato “raio de sol” que consiste na formação de lotes em formato triangular, formando uma meia lua com as casas construídas dentro do seu respectivo lote. São nove núcleos espalhados em uma área aproximadamente de 1.012 hectares. O assentamento Antônio de Farias localiza-se a uma distância de 28km do centro urbano, o bairro mais próximo é Pernambuco que fica logo na entrada do referido, a distancia dos núcleos até a entrada pode chegar de 8km a 9km. O fator distância já se coloca como uma problemática na questão de acesso, uma vez que a maioria dos serviços está concentrada no centro urbano. Durante o período de vivência de sete meses no ano de 2012, percebemos, à época, as dificuldades enfrentadas pelos jovens e adultos no acesso

à educação, ao lazer, à saúde e ao trabalho. O que permitiu problematizar a realidade em que a juventude está inserida e contribuir com o tema da juventude rural bem como aqueles se identificam como jovens.

Nesse sentido, Castro (2005) argumenta que:

Privilegiar a característica de transitoriedade nas percepções sobre juventude transfere, para aqueles assim identificados, a imagem de pessoas em formação, incompletas, sem vivência, sem experiência, indivíduos ou grupos de indivíduos que precisam ser regulados encaminhados (CASTRO, 2005, p. 43).

Desta forma, cabe salientar que esta pesquisa pretende entender a importância da juventude e sua diversidade:

É necessário, portanto, ter clareza que existem diferentes maneiras de ser jovem, e que juventude é uma categoria social representada pela heterogeneidade de formas de agir. Isso ocorre porque existe diversidade de contextos sociais que influenciam direta ou indiretamente na formação e percepção de mundo desses sujeitos (TROIAN; BREITENBACH, 2018, p. 03).

Eles são sujeitos de transformação social, que tem desejos, planos, sentimentos e desta forma modificam e transformam o espaço em que vivem. Porém ser jovem nem sempre é visto como algo positivo, quando se refere, por exemplo, a experiência de vida ou de trabalho. Às vezes é vista como o futuro, a próxima geração que poderá melhorar a realidade. Como afirma Castro (2005), “Paradoxalmente, a categoria ‘jovem’ é fortemente valorizada e constantemente acionada nos discursos dos pais e dos movimentos sociais rurais, associada à renovação e ao futuro, ou seja, como categoria chave na reprodução da produção familiar” (CASTRO, 2005, p. 40).

O jovem é uma categoria em constante transformação e marcada pelas hierarquias das relações sociais estabelecidas e impostas e eles, outro fator é a sua inserção no meio rural. Sendo muitas vezes estigmatizado e desvalorizado na sua comparação ao meio urbano. Como afirma a autora:

Embora juventude não seja uma temática de estudo nova, é recente o tema da juventude do meio rural como alvo de pesquisas. Assim, a juventude rural é ainda uma categoria analítica em construção, cujos contornos são pouco delineados, defrontando-se com a dupla dificuldade nas definições tanto de ‘juventude’ como de ‘rural’, ou seja, a polêmica sobre as categorias sociais e as representações sobre elas construídas (CASTRO, 2005, p. 41).

Metodologia

Toda a pesquisa científica necessita da escolha de um caminho a ser percorrido como afirma Pessoa (2012, p. 06), “no que se refere ao conhecimento obtido por meio da pesquisa científica para que o mesmo possa ser divulgado, há um caminho a ser percorrido”. Desta forma, o pesquisador precisa escolher a forma como proceder a sua pesquisa, de acordo com o seu objeto de estudo e os objetivos a serem alcançados. “Assim ao formular leis e as teorias, a ciência possibilita ampliar o conhecimento científico” (PESSÔA, 2012, p. 06 e 07). Ou seja, há um processo de reconstrução do conhecimento, pois há uma necessidade de um conhecimento prévio do pesquisador para a realização de sua investigação, como afirma Pessoa (2012):

No processo de ‘reconstrução’ do conhecimento científico, [...] [...], estamos nos apropriando do conhecimento elaborado para a sua nova produção numa tentativa de conhecer e compreender o mundo que nos cerca (PESSOA, 2012, p. 07).

Ao compreender o mundo o ser humano se apropria de conhecimentos e saberes para elaborar novos conhecimentos e saberes, desta forma acontece um movimento de ampliação dos conhecimentos, reelaborando métodos, ferramentas e contribuindo para o avanço da ciência, no caso da ciência geográfica. Logo para se investigar a respeito dos jovens do assentamento Antônio de Farias, utilizaremos a pesquisa bibliográfica, a coleta de dados primários e secundários, sistematização dos dados, visitas de campo e a oficina de compostagem realizada no dia 05 de dezembro de 2019, além de toda a bagagem metodológica desenvolvidas no âmbito do Projeto Educação do Campo e Cesta Sabores da Terra sob a coordenação da Professora Maria do Socorro Bezerra de Lima.

O método crítico-dialético se faz necessário uma vez que a proposta da pesquisa propõe uma troca entre o sujeito e o objeto, possibilitando modificações na realidade em que os jovens estão inseridos. Sendo assim a intersubjetividade entre o pesquisador, os jovens e o assentamento nos ajudarão a compreender e a responder as perguntas da pesquisa. Portanto, “[...] a abordagem crítico-dialética tanto cultural quanto social, devendo ser entendida, como parte de um processo histórico cujas bases dependem de fatores e mudanças histórico-sociais” (MEDEIROS, 2016, p. 138-139). A dialética nos ajuda a compreender como modificamos e somos modificados, “o homem não só é objeto determinado pela situação socioeconômica, produto de sua própria existência e das condições históricas senão que também é sujeito a quem cabe modificar e transformar a realidade” (SÁNCHEZ GAMBOA, 1998, p. 111).

Desta forma, buscamos, por meio dessa pesquisa, compreender como os jovens se organizam e como as relações de sociabilidade são construídas, na qual chamamos no campo geográfico de territorialidades. As diferentes nomenclaturas usadas para a juventude envolve uma complexidade de fatores sociais, histórico, econômico e cultural que aciona diferentes identidades dos jovens.

A produção científica, nesse contexto, é uma construção que serve de mediação entre o homem e a natureza, uma forma desenvolvida da relação ativa entre o sujeito e o objeto, na qual, o homem, como sujeito, veicula a teoria e a prática, o pensar e agir, num processo cognitivo-transformador da natureza (SÁNCHEZ GAMBOA, 1998, p. 124).

Já é sabido que a Ciência não é neutra e que acompanha os momentos históricos da humanidade, bem como seus valores, ideologias e concepções de homem e mundo (PESSOA, 2012). Logo, a escolha metodológica está ligada aos valores, ideologias e concepções de mundo do pesquisador. Dessa forma a escolha pela pesquisa qualitativa se faz necessária, uma vez que segundo Pessoa (2012):

Por ser uma abordagem mais interpretativa, que se propõe traduzir e expressar o fenômeno estudado, também se constitui em um trabalho laborioso, visto que é necessário registrar informações, coletar dados, organiza-los e fazer análises (PESSOA, 2012, p. 10).

A pesquisa qualitativa propicia ao investigador uma aproximação maior do seu objeto, podendo interagir com ele para decifrar os fenômenos a serem observados e analisados como afirma a autora: “[...] na pesquisa qualitativa é importante a imersão do pesquisador no contexto de interpretar e interagir com o objeto estudado e a adoção de postura teórico-metodológica para decifrar os fenômenos.” (PESSÔA, 2012, p. 11).

Assim, para a investigação dos jovens no assentamento, foi necessário se aproximar o máximo possível para se alcançar os objetivos propostos, uma vez que não se trata somente de uma descrição do espaço em que vivem, mas de compreender como se relacionam com o espaço, com outros jovens, com seus familiares, como realizam as atividades de lazer, as questões que permeiam a área da educação, da saúde, e do trabalho. Todavia, com a pandemia decretada no dia 16 de março de 2020, o trabalho de campo para o acompanhamento da oficina e a vivência no assentamento não foram possíveis o que acarretou mudanças na organização e na construção desta monografia.

A oficina pedagógica permite esse envolvimento do cotidiano dos jovens vivenciando sua situação de forma significativa que se dá no tempo e no espaço transformando de forma recíproca sujeito e objeto como afirma Paviane (2009, p 78), “Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos”. Nesse sentido, a oficina pedagógica serviu como ferramenta metodológica de aproximação dos jovens do assentamento Antonio de Farias, com a finalidade de investigar a realidade concreta e a identificação de possíveis problemas e dificuldades existentes.

A oficina teve como proposta um dia de atividade que pudesse contemplar os saberes ancestrais com os saberes científicos, além de promover autonomia financeira aos jovens. Uma vez que o adubo e a terra preta, produtos da compostagem, podem ser revertidos em forma de renda através de sua comercialização. Bem como identificar os saberes atinentes à produção de adubos orgânicos, discutir agroecologia como forma de reprodução social e permanência no campo.

CAPÍTULO 1: JOVENS E JUVENTUDE RURAL: APORTE TEÓRICO

Quando falamos em jovem/juventude às vezes lembramo-nos dos nossos tenros momentos passados, de nossa fase de amadurecimento, os aprendizados que tivemos e os erros que cometemos. Logo, temos a tênue sensação que ser jovem é passar por muitas transformações até chegar à fase adulta. Porém o que é ser jovem? Como definir um termo com tantas características e realidades diferentes?

O jovem, como uma ideia genérica, é colocado socialmente como um momento da vida em que ocorre a transição da infância para a vida adulta, momento este em que há o amadurecimento, o estudo, novas responsabilidades, que aprende uma profissão, e os valores, hábitos e identidades são intensamente construídos. Cada sociedade, cultura e/ou população tem sua própria definição de jovem e/ou juventude, uma vez em que nos referimos a um grupo de pessoas e a fase da vida. Assim, o jovem da sociedade brasileira é diferente do jovem do Egito, que diferente do jovem na China e assim sucessivamente, porém uma coisa há em comum, a fase da vida.

No entanto, dentro da própria sociedade brasileira, o jovem é definido de forma diferenciada de acordo com a sua população, ou seja, o jovem indígena é definido diferente do jovem da cidade, que é definido diferente do jovem do campo, porém a legislação dada pela sociedade brasileira tem sua definição de jovem que provem das leis e, que segundo o IBGE, compreende a faixa etária entre 15 a 29 anos (dividido em três fases a saber: jovem adolescente, 15-19 anos, jovem 20-24 anos, jovem adulto 25-29 anos. (WEISHEIMER 2009)) . E, ao falar em juventude, mais definições aparecem, como juventude nerd, juventude do hip-hop, juventude evangélica, juventude rebelde e etc. Desta forma é necessário buscarmos referências bibliográficas para que possam ajudar a compreender essa fase da vida humana, ou seja, o que é (ser) jovem e sobre a juventude.

Segundo Weisheimer (2009), em sua tese sobre a situação juvenil na agricultura familiar, a juventude se constitui a partir da modernidade, com o desenvolvimento do capitalismo e a ascensão política da burguesia. Não que antes não houvesse jovens em outros períodos históricos, mas cabe salientar que a juventude ocupa papeis sociais, significados e características distintos. A ruptura com o tradicionalismo na modernidade gerou uma contínua, rápida e intensa transformação social, cultural e econômica além de uma intensa secularização da vida, burocratização

e racionalização crescente, característica que se relacionam com o surgimento da juventude (WEISHEIMER, 2009).

As novas relações estabelecidas pelo desenvolvimento do capitalismo constroem histórica e socialmente uma nova noção de infância e juventude devido à mudança da organização da família. A família passa a voltar-se mais para si mesma, passando a uma relação mais estreita e íntima centrada na criança e criando uma divisão entre a sociedade e ela mesma, surgindo à esfera privada. “A juventude assume então, no interior de uma família nuclear, um novo e diferenciado papel social, uma vez que passa a ser responsabilidade dos pais a preparação das condições de existência e sobrevivência futura dos filhos” (WEISHEIMER, 2009, p 52). A criação dos liceus e das escolas permitiu que a aristocracia e a burguesia mantivessem seus filhos longe da atividade produtiva e social, o que substituiu a aprendizagem pela família por uma educação escolarizada o que deu maior visibilidade ao fenômeno da juventude. A universalização da educação e a crescente necessidade de preparação para a entrada no mundo do trabalho deu ainda mais visibilidade a esta fase da infância à vida adulta, respectivamente, adolescência e juventude.

A modernidade criou novas instituições burocráticas que acabam por expressar uma intensa racionalização e individualização das práticas sociais separando esfera pública da privada (WEISHEIMER, 2009).

A modernidade ocidental que corresponde ao período de ascensão do modo de produção capitalista resultou numa crescente institucionalização das fases da vida humana promovida sob a perspectiva dos interesses da classe burguesa e de sua direção sobre o Estado, a escolarização e a industrialização capitalista. (WEISHEIMER, 2009, p 53)

Troian; Breitenbach (2018) trazem, em uma análise teórica e normativa, o conceito jovem/juventude e como os pesquisadores têm definido e classificado essa categoria. Segundo as referidas autoras, existem diferentes conceitos utilizados por especialistas para definir o termo juventude, não sendo possível adotar um que seja universal, sendo a naturalização da continuidade do modo de vida dos pais a característica mais comum. Assim, juventude é uma categoria social, uma vez que representa um grupo de pessoas e/ou qualidades, porém as formas de abordar essa categoria são múltiplas.

Portanto a juventude é uma categoria socialmente destacada, uma fase de transição e de mudanças. É vista como um ‘vir a ser’, uma passagem para a vida adulta, uma fase que se relaciona com o passado, fase da infância, ao mesmo tempo em que se conecta com o futuro, a vida adulta. (TROIAN; BREITENBACH, 2018, p. 793).

Desta forma, o jovem é sujeito de si mesmo, um ator social, porém “vir a ser” à busca da sua independência, do acesso à educação, trabalho, saúde, lazer, e também os espaços de socialização e a relação com a família. Ou seja, o termo jovem enquanto conceito não é fixo, é estudado como uma categoria sociológica.

Nas últimas décadas a categoria juventude tem sido mobilizadora de transformações sociais, principalmente a partir dos anos 1960, por meio dos movimentos de contra cultura, “nas décadas de 1960 e 1970, os jovens ganharam destaque pelo seu papel contestador, por meio do Rock in Roll, liberação sexual, movimento estudantil, luta por direitos civis e em prol da paz.” (TROIAN; BREITENBACH, 2018; WESHEIMER, 2009). Deste então a categoria juventude tem sido alvo de estudos com destaque para os estudos no meio urbano.

1.1. Formas de abordagem sobre a juventude (geral)

Segundo Troian; Breitenbach (2018) são cinco as principais formas de se abordar a juventude, sendo elas: por faixa etária, ciclo de vida, geração, cultura ou modo de vida e representação social. A faixa etária está sempre presente nos trabalhos sobre juventude, uma vez que, esta determina seu início e fim, sendo definida por órgão de governo e/ou instituições internacionais. Desta forma, a faixa etária utilizada no Brasil abarca dos 15 aos 29 anos de idade. “O Brasil segue o padrão de análise da Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ), considerando jovens as pessoas que se encontram na faixa etária de 15 a 29 anos” (TROIAN; BREITENBACH, 2018, p. 791). Apesar de servir para realizações de pesquisas e estudos, esse critério cronológico se mostra pouco eficiente para uma análise mais profunda sobre juventude

O ciclo de vida é uma abordagem que considera a juventude em transição, sendo esta nem criança e nem adulto, sendo utilizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

A juventude é um estágio no qual acontece a entrada na vida social plena e que, como situação de passagem, compõe uma condição de relatividade: de direitos e deveres, responsabilidades e independência mais amplas do que as das crianças e não tão completas quanto às dos adultos (TROIAN; BREITENBACH, 2018, p. 791).

A abordagem a partir da geração está ligada à situação da juventude no processo social que estabeleça um paralelo à situação de classe, “Nessa perspectiva, tem-se a ideia de que os jovens são inerentemente contestadores ou de que essa rebeldia é necessariamente transitória, como a juventude.” (TROIAN; BREITENBACH, 2018, p. 792).

A cultura ou modo de vida é outra abordagem, na qual é definida por critérios culturais, considerando a importância dos espaços de sociabilidade dos jovens na construção de suas identidades (TROIAN; BREITENBACH, 2018). Como Hip-Hop, Rap, Rock e diversos outros segmentos em que ser jovem está intrinsecamente ligada a uma determinada cultura em que o jovem se sinta atraído e representado, assumindo uma identidade própria. E, por fim, a abordagem por representação social, importante para a realização deste trabalho de monografia, uma vez que, leva em conta as especificidades dos jovens, sobre tudo os que vivem no espaço rural.

A abordagem fala em condição juvenil como uma posição hierárquica social fundada em representações sociais, na busca de significados que definam quem é e quem não é jovem em um dado contexto sociocultural. As representações sociais remetem à ideia de que a juventude é um processo transitório que marca a passagem de uma condição social da dependência para a de independência, ou seja, da fase da infância para a fase adulta (TROIAN; BREITENBACH, 2018, p. 792).

Castro (2009) traz importantes contribuições para entendermos a categoria juventude, sob um aspecto de como essa categoria é construída de acordo com as relações de hierarquia social e a autoridade dos pais. No Brasil, os estudos sobre juventude começam a ser expressivos principalmente nos anos 1990 e a partir dos anos 2000 tornam-se campo de conhecimento associados às questões da juventude urbana. (CASTRO, 2009). Uma das primeiras formas destacada pela autora é classificação por faixa de idade, aparecendo em pesquisas na década de 1960 atribuindo limites mínimos

e máximos de idade, admitindo o limite mínimo de entrada no trabalho e o limite de término de escolarização.

No entanto, a classificação por faixa etária leva a uma visão vinculada à questão da atividade ou inatividade econômica do jovem no mundo do trabalho, classificando a população economicamente ativa, “compreende o potencial de mão de obra com que pode contar o setor produtivo; a oferta efetiva de trabalho numa economia. A PEA (População Economicamente Ativa) é obtida pela soma da população ocupada e desocupada com 16 anos ou mais de idade” (IBGE, 2010). Ainda que esse recorte coloque em evidência a juventude como transição da infância para a fase adulta, esta se coloca de forma a homogeneizar a juventude e dificulta uma compreensão mais profunda dessa categoria.

Aqueles definidos como jovens é uma condição e, ao mesmo tempo, uma representação, para além dos atributos, mas analisando as relações de dominação e hierarquia que estruturam diferentes posições sociais entorno da juventude, a relação com a família, com a comunidade, com o acesso ao trabalho. “O que definiria a juventude não seriam atributos específicos, mas as relações de dominação e de hierarquia que estruturam as posições sociais” (CASTRO, 2009, p. 43). Sendo muitas vezes definida pela própria comunidade de acordo com a própria construção desses sujeitos, como também pela forma que os adultos determinam quem é o “jovem” e o que é “ser jovem” para os jovens.

Nesse sentido, juventude é, além de uma categoria que representa identidades sociais, uma forma de classificação social que pode ter múltiplos significados, mas que vem se desenhando, em diferentes contextos, como uma categoria marcada por relações de hierarquia social (CASTRO, 2009, p. 44).

Desta forma, a juventude não pode ser encarada de forma homogênea e tampouco de maneira superficial, uma vez que, como categoria social, é necessária observar as relações de hierarquia e o controle social exercido sobre esses jovens e a forma como esses jovens relacionam-se entre si. A construção do que é ser ‘jovem’ ou ‘velho’ variam por onde transitam e os papéis sociais que desempenham (CASTRO, 2009).

A juventude está associada a um determinado tempo histórico e cultural e com uma identidade construída de acordo com lugar na sociedade que ocupam, porém a vivência como jovem pode ser ainda diferenciada por questões como gênero, sexualidade, etnicidade, religião, classe, entre outros.

Os que assim se identificam disputam outras representações, acionando significados e leituras distintas sobre as relações entre *adultos e jovens*. Para essa ‘disputa’, os espaços onde os *jovens* atuam, enquanto coletivos organizados, contribuem para a construção dessas representações que podem, inclusive, se opor às representações dos *adultos* (CASTRO, 2009, p. 46).

As relações com o trabalho também nos ajuda a perceber as estratégias utilizadas pelos jovens no que diz respeito as suas expectativas de vida, a questão da migração dos jovens está intrinsecamente associada às estratégias de reprodução econômica, as formas como o capitalismo modifica as formas de produção no campo, como a agropecuária, o latifúndio, as agroindústrias e até mesmo da indústria nas cidades, no setor de serviços e no setor público. A divisão sexual do trabalho também se coloca como uma problemática para as jovens e também é importante levar em consideração esse problema, pois influencia as estratégias que os jovens escolhem ao longo da vida.

1.2. Juventude Rural

As produções sobre juventudes são diversas devido ao caráter múltiplo dessas juventudes, porém as pesquisas que versam a temática sobre juventude rural têm aumentado nos últimos anos, conforme apontado por Castro (2009). A proporção de jovens vivendo no espaço rural é proporcionalmente menor que a área urbana, porém não se trata de um número pequeno, já que habitam cerca de 8 milhões de jovens no meio rural (PNAD, 2006). Apesar de ser menor que o número de jovens urbanos ainda esse número é muito grande e a juventude rural encontra outras dificuldades distintas dos jovens urbanos. Aqui trabalhamos com autores e autoras que pesquisaram em sua maioria jovens assentados, jovens que estão no meio rural, que tem sua trajetória de vida marcada pelo rural, e que nos assentamentos de reforma agrária são jovens locais e até de outros estados e municípios.

A visão de um mundo rural estigmatizado como o lugar do atraso, contribui para uma assimilação desses estereótipos por parte dos jovens urbanos. Neste sentido, os jovens rurais procuram fugir deste estigma negando aspectos e características rurais (peões, roceiros ou que moram mal) tornando essa categoria ainda mais invisível. (CARNEIRO, 2007; CASTRO, 2009). A falta de valorização do espaço rural, em especial dos pequenos agricultores, contribui para um esvaziamento do meio rural em detrimento do urbano em busca de melhores condições de vida.

Muitos acabam abandonando a escola devido ao deslocamento difícil, uma vez que nas áreas rurais se encontram escolas do ensino fundamental I (1ª a 4ª séries) mais próximas já o fundamental II (5ª a 9ª series) e ensino médio, cursos profissionalizantes e faculdades se encontram nos centros urbanos. O meio rural ainda é marcado pela pobreza, mesmo em tempos de avanços tecnológicos para o campo, os pequenos agricultores não possuem acesso à tecnologia.

Os jovens podem querer morar no espaço rural e trabalhar no espaço urbano, levando a novas formas de se relacionarem com o espaço em que moram e novas territorialidades. Ou seja, sair do assentamento nem sempre significa o êxodo em si, mas um movimento pendular, em que os jovens realizam o deslocamento diário ou em períodos pré-estabelecidos.

No caso de assentamentos de reforma agrária, o acesso à terra se coloca como uma problemática na sucessão hereditária dos jovens, uma vez que os pais(assentados), não possuem a propriedade da terra e sim uma concessão. Assim como as estratégias de uso da terra, o que pode e deve ser produzido, muitas vezes é acordado em assembleias dos assentados, pois envolve uma visão coletiva de conquista da terra. “Esta concessão, enquanto não for avaliado que o assentamento pode tornar-se autônomo, deve seguir regras pré-definidas pelos órgãos governamentais responsáveis (INCRA, ITESP, ITERJ etc.), que proíbem a divisão ou venda” (CASTRO, 2005, p-221).

A herança do lote pode ser um problema para a permanência dos jovens no assentamento, uma vez que esse processo não se dá pela sucessão hereditária e sim por avaliação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que pode destinar o lote para outra família caso o jovem herdeiro não cumpra os requisitos do órgão. O que pode levar muitos jovens a se estabelecerem no mesmo lote até buscarem independência em outra localidade, ir em direção aos centros urbanos ou, em último caso, compor novos acampamentos de luta pela terra vinculada aos movimentos sociais.

A relação com a família também pode ser conflituosa, uma vez que quem dirige o lote é a figura paterna, em muitas situações é necessária a permissão do pai para que o jovem possa investir seu tempo em um novo projeto de produção no lote (CASTRO, 2005) A falta de incentivo e a submissão à autoridade paterna se constituem como fatores conflitantes para que os jovens escolham uma alternativa na agricultura familiar.

Carneiro (2007) aborda, em sua pesquisa sobre novas mentalidades da juventude rural, a questão de permanecer ou ficar no campo envolve múltiplas percepções que os jovens podem construir de acordo com as possibilidades de trabalho e estudo. Ser agricultor deixa de ser algo estático para ser mais dinâmico, mesmo que não se tornem agricultores eles desejam morar no rural e trabalhar no meio urbano ou ainda viver no rural com as modernidades de uma vida urbana. O que de certa forma cria um híbrido e demonstra que muitos querem permanecer no campo, o que não quer dizer que seja trabalhar na terra.

Os jovens rurais também sofrem com o desemprego, muitos desejam chegar a sua autonomia financeira para ir às festas da comunidade ou de um bairro urbanizado mais próximo e como dependem financeiramente da família, muitas vezes não conseguem o mínimo para comprar uma roupa, ou calçado ou mesmo chamar a namorada pra fazer um lanche. Isso leva muitos jovens a trabalhar de diferentes formas e possibilidade, tais como: a) trabalhar no próprio âmbito familiar, o que pode ser remunerado ou não; b) trabalhar em um lote vizinho e no âmbito familiar; c) trabalhar no âmbito familiar e ter uma renda não agrícola, como motorista, padeiro, vendedor etc.; d) trabalho não agrícola exclusivamente. Essas formas e suas múltiplas interseções dependem do território onde estão os jovens rurais e o deslocamento até esses locais de trabalho, principalmente o não agrícola.

Permanecer ou voltar para o campo não significa necessariamente uma derrota ou um fracasso para o jovem, mas pode ser resultado de uma escolha motivada pelo desejo de manter um padrão de vida possibilitado pelo fato de morar com a família, junto de amigos e parentes, compartilhando os mesmos códigos e valores, mas também ter acesso a determinados bens materiais e simbólicos que até recentemente, só eram disponíveis nas cidades (CARNEIRO, 2007, p. 60).

Em relação ao trabalho, a divisão sexual do trabalho tem provocado a saída das jovens rurais do campo, a trabalho delas fica sobre o cuidado da casa, dos filhos e da

criação (galinha, bezerro, porco) não sendo reconhecidas como trabalhadoras rurais ou não querendo exercer esse papel, levando muitas jovens rurais a estudarem até terminarem os estudos. O que se observa é uma **masculinização** e envelhecimento do campo que por consequência faz com que os jovens rurais procurem obter um relacionamento em locais mais distantes (CARNEIRO, 2007; CASTRO, 2009). Vale salientar que não é esta a realidade encontrada objetivamente, porém há assentamentos em que isso é verificado de maneira objetiva, sendo necessário a sua análise.

Assim, a juventude rural está sempre criando novas estratégias para buscar sua autonomia em relação à família, as questões de emprego e renda e os estudos, permitindo que cada um possa criar estratégias para permanecer no campo. Nem sempre os jovens rurais querem ir embora, porém as condições dadas a eles são ínfimas. O que muitas vezes leva a um embate com o controle muitas vezes exercido pelo pai, que com um olhar de desconfiança, muitas vezes não dá o suporte que o jovem necessita e/ou que não vai de encontro as suas perspectivas de vida.

As forças produtivas que adentram o meio rural são importantes de serem percebidas, pois muito desses jovens procuram um trabalho que seja mais fácil que o do lote, a proximidade do urbano, de agroindústrias, pecuária e piscicultura são atrativos para esses jovens, porém não chegam a concluir o ensino médio, pois não conseguem conciliar estudo e trabalho. Esses jovens rurais acabam por fazer parte de uma lógica imposta pelas forças produtivas do capital, estando estes condicionados pela mobilidade do capital no território colocando essa força de trabalho em movimento (LIZARAZO; THOMAZ JUNIOR, 2016).

Esse movimento da força de trabalho não se dá apenas no sentido campo-cidade, mais campo-campo e entre territórios, compostos por trabalho agrícola e não agrícola, às vezes sazonal, temporário ou como “bico”, trabalhos quase sempre precários.

Os desdobramentos desse processo se observam no aumento das possibilidades dessas populações para se proletarizar e se subordinar ao capital rearranjado no campo, seja através do desterreamento/espoliação violenta das terras camponesas e de comunidades tradicionais, seja da persuasão ou chantagem de comunidades e/o populações para acreditarem no “progresso” prometido pelo investimento do capital em seus territórios (agrohidronegócio e mineração) (LIZARAZO; THOMAZ JUNIOR, 2016, p 257-258).

A migração/mobilidade dos jovens rurais está mais ligada à mobilidade/territorialização do capital e não a uma questão somente da força de vontade por parte dos jovens rurais. O emprego, no caso ter uma renda, para os jovens rurais é o mais importante, pois é o dinheiro que teoricamente vai possibilitar-lhes a desejada autonomia, podendo alcançar seus objetivos e planos de vida. Vale salientar que muitos jovens hoje vivem no rural, mas trabalham em atividades não agrícolas, muitos continuam tendo relações com seu local de origem.

1.3 Juventude rural do Antonio de Farias

O deslocamento dos jovens no território se dá onde há capital territorializado, como na pecuária, fruticultura, piscicultura. Os jovens buscam na venda de sua força de trabalho autonomia financeira para acessar bens de consumo para sua existência. No meio rural o mais comum é os jovens aprenderem a pilotar a moto muito cedo, mesmo sem ter carteira de habilitação. E com esse meio de transporte se deslocam entre as casa de colegas, familiares, festas e etc.

É a forma como eles começam a ganhar autonomia e de ter certa independência da família. Nessa perspectiva a oficina pedagógica proposta, procurou apresentar a estes jovens uma possibilidade de adquirir renda através da produção de adubo e terra preta, que pode ser vendida para os próprios assentados e para fora do assentamento, produzir para sua própria utilização e replicar a produção de compostagem para outros jovens assentados. Desta forma, utilizando recursos existentes como forma de promover autonomia financeira e independência aliando conhecimento ancestral com o científico gerando novas formas de conhecimento entre os jovens.

Durante a vivência no assentamento pude perceber entre os assentados a problemática da sucessão da terra. O que não é difícil de encontrar em outros assentamentos é a construção de mais uma casa no lote conquistado pela família. Ou seja, muitos jovens constitui família no mesmo lote em que seus pais conquistaram. O que na prática proporciona um aumento no número de famílias que moram no assentamento, e essa foi uma das dificuldades encontrada para se aferir com precisão o número exato de famílias que residem atualmente no assentamento.

Muitos jovens não tem como projeto residir no mesmo lote da família mas, mantem o desejo de continuar vivendo no meio rural e a falta de políticas públicas para

a juventude rural se torna urgente para que esses jovens possa ter a oportunidade de se manterem no meio rural. Foi nessa perspectiva que foi elaborada a oficina pedagógica intitulada Construindo Conhecimento com os Jovens. Foi elaborada a construção de uma compostagem para a produção de adubo e terra preta. Ambos de importante uso na agricultura e que não depende de insumos químicos para ser construída. Toda a produção de material foi construída com os próprios jovens e explicada tanto pela equipe do NERU/UFF, como da equipe do laboratório de solos CCTA/UENF junto com mais 13 assentados, jovens, crianças e adultos. Como a compostagem é construída com poucos recursos e se utiliza de materiais disponíveis *in loco* poderia se tornar uma alternativa de renda para os jovens além de poder ser usado no própria lavoura do lote. Mais detalhes da oficina esta disponível no capítulo 3.

Muitos jovens também vão integrar outros acampamentos de reforma agrária na região o que reforça a importância de se realizar a reforma agrária e da organização dos movimentos sociais rurais na luta pelo direito a terra. A concentração fundiária no Brasil é o principal fator da migração campo-cidade. A lógica do monocultivo em larga escala geram conflitos por terra, entre latifundiários e pequenos agricultores, indígenas, quilombolas, assentados, ribeirinhos e etc. como afirma

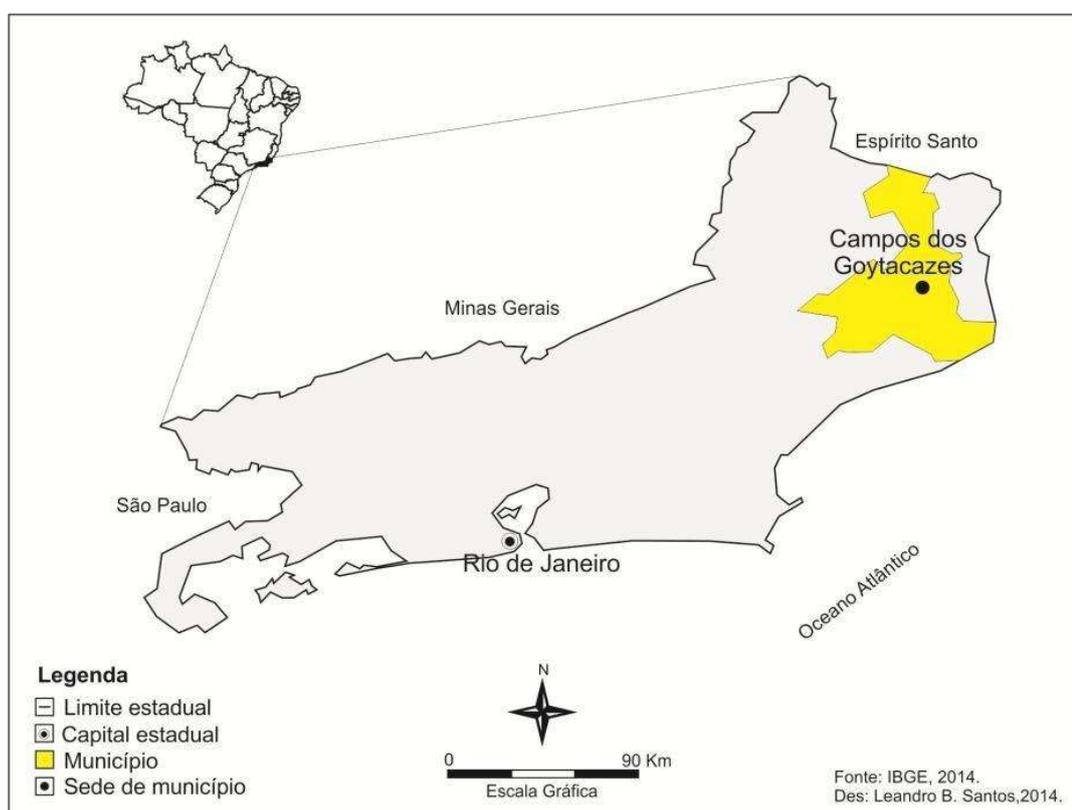
“Essa condição se constituiu historicamente, seja em função da alta concentração fundiária no Brasil, que contribuiu para gerar em grande medida a desigualdade social no meio rural, seja pela concentração do poder político e econômico, em restritos grupos sociais (por exemplo, latifundiários e grandes corporações do ramo do agronegócio), que agrupam a maior parte dos recursos públicos aplicados em infraestrutura, crédito, assistência técnica e pesquisa.”(Botton Barcellos, 2015, p11)

A luta pela terra não se restringe apenas ao lote, mais sim a garantia de acesso ao trabalho, a dignidade, ao direito de existir, a um modelo de vida, ao direito de viver no campo e do campo. O que é urgente tendo em vista as mudanças climáticas, é certo que devemos incentivar modos de garantir a soberania alimentar e acesso a comida de qualidade sem que tenhamos como único modelo produtor de alimentos o latifúndio.

CAPÍTULO 2: O MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES E O ASSENTAMENTO ANTÔNIO DE FARIAS.

O município de Campos dos Goytacazes é caracterizado pela forte concentração fundiária, isso se deve ao processo de formação histórico pautado na produção canaveira, grandes propriedades e o trabalho escravizado. Campos dos Goytacazes (figura 1) é o município com maior extensão territorial (4.026 Km²) e abarca um grande número de distritos (15), decorrente desta formação histórica. Segundo Santos; Lima (2015, p. 3), o referido município é marcado historicamente pela presença da tríade cana-elite agrária-território.

Figura 1: Localização do Município de Campos dos Goytacazes, RJ.



No município de Campos, de acordo com o último Censo Demográfico de 2010, a população jovem entre 15 e 29 anos é de 118.954 jovens, sendo urbanos na casa de 107.630 jovens e 11.324 jovens como rurais. Em relação aos jovens rurais, 5.739 são do sexo masculino e 5.534 do sexo feminino, o que pode indicar uma possível masculinização do meio rural, porém, isso não foi constatado no assentamento em

específico. Observamos que há predominância de jovens urbanos, conforme o Censo Demográfico de 2010. O que quer dizer que eles podem estar morando em uma área considerada urbana, porém estão trabalhando e ou exercendo atividades consideradas como rurais, e claro a proporção populacional é maior nos centros urbanos, principalmente por estarmos tratando de uma localidade da região sudeste, a região com a maior concentração da população nos centros urbanos. Conforme a tabela 1.

Tabela 1: Número total de jovens rurais e urbanos de 15 a 29 anos em Campos dos Goytacazes, 2010.

Faixa Etária	Classificação por domicílio	Masculino	Feminino	Total
De 15 a 19 anos	Rural	2.154	1.866	4.020
	Urbana	17.996	17.959	35.955
De 20 a 24 anos	Rural	1.897	1.805	3.702
	Urbana	17.621	17.938	35.559
De 25 a 29 anos	Rural	1.739	1.863	3.602
	Urbana	17.657	18.459	36.116
Jovens Rurais		5.739	5.534	11.324

Fonte: elaborado pelo próprio autor, dados extraídos do Censo Demográfico 2010, IBGE.

Temos o número de estabelecimentos com a classe de idade para os jovens menor de 25 anos e todas as classes de idade do responsável pelo mesmo para a agricultura familiar e não familiar. Do total de estabelecimentos (7.789), temos uma importante presença da agricultura familiar no município com 4.972 estabelecimentos e 2.817 não familiar. Nos estabelecimento dos jovens menor de 25 anos, temos uma participação um pouco maior da agricultura não familiar com 56 estabelecimentos e a agricultura familiar com 45 estabelecimentos cujo responsável tem menos de 25 anos. Conforma a tabela 2.

Tabela 2: Número de estabelecimentos com a classe de idade do responsável, segundo a categoria agricultura familiar e não familiar, 2017, Campos dos Goytacazes, RJ.

Número de estabelecimentos	Total	Agricultura familiar	Não familiar
Todas as classes de idade	7.789	4.972	2.817
Menor de 25 anos	101	45	56

Fonte: elaborado pelo próprio autor, dados extraídos do Censo Agropecuário de 2017, IBGE.

A tabela 3 mostra o número de estabelecimentos com produtor-proprietário para a classe de idade e categorias agricultura familiar e não familiar dividido entre todas as classes de idade e jovens menor de 25 anos. Em um total de 6.142 de estabelecimentos, temos uma importante presença da agricultura familiar com 3.815 estabelecimentos e a agricultura não familiar com 2.327 estabelecimentos. Quanto à presença dos jovens menor de 25 anos temos um total de 53 estabelecimentos com a presença um pouco maior da agricultura não familiar com 30 estabelecimentos e a agricultura familiar com 23 estabelecimentos.

Tabela 3: Número de estabelecimentos com produtor-proprietário, segundo a classe de idade e categoria agricultura familiar e não familiar, 2017, Campos dos Goytacazes, RJ.

Classe de idade	Total	Agricultura familiar	Não familiar
Todas as classes de idade	6.142	3.815	2.327
Menor de 25 anos	53	23	30

Fonte: elaborado pelo próprio autor, dados extraídos do Censo Agropecuário de 2017, IBGE.

Na tabela 4 temos o número de estabelecimentos com concessionário ou assentado sem titulação segundo a classe de idade entre jovens menor que 25 anos e todas as classes de idade e categoria agricultura familiar e não familiar. Em um total de 814 estabelecimentos temos importante presença da agricultura familiar com 724 estabelecimentos e a agricultura não familiar com 90 estabelecimentos. Quanto a presença dos jovens menor de 25 anos de um total de 12 estabelecimentos temos uma maior presença a agricultura familiar com 8 estabelecimentos e a agricultura não familiar com 4 estabelecimentos.

Tabela 4: Número de estabelecimentos com concessionário ou assentado sem titulação definitiva, segundo a classe de idade e categoria agricultura familiar e não familiar, 2017, Campos dos Goytacazes, RJ.

Classe de idade	Total	Agricultura familiar	Não familiar
Todas as classes de idade	814	724	90
Menor de 25 anos	12	8	4

Fonte: elaborado pelo próprio autor, dados extraídos do Censo Agropecuário de 2017, IBGE.

A tabela 5 demonstra o número de estabelecimentos com produtor-proprietário por a classe de idade entre todas as classes de idade e jovem menor de 25 anos e sexo segundo a categoria agricultura familiar e não familiar. Temos de um total de 4.811 estabelecimentos de todas as classes de idade cujo produtor-proprietário é homem, destes 2.960 são da agricultura familiar e 1.851 da agricultura não familiar. Temos um total de 1.306 estabelecimentos cujo produtor-proprietário de todas as classes de idade são mulheres sendo 855 da agricultura familiar e 451 da agricultura não familiar. Já o total de estabelecimentos de produtor-proprietário jovens menor de 25 anos de homens são de 40 estabelecimentos, sendo 22 estabelecimentos da agricultura familiar e 18 da agricultura não familiar. Já o total de estabelecimentos de produtor-proprietário jovens menor de 25 anos de mulheres são de 13 estabelecimentos sendo 1 da agricultura familiar e 12 da agricultura não familiar.

Tabela 5: Número de estabelecimentos com produtor-proprietário, segundo a classe de idade e sexo do produtor, tanto a categoria agricultura familiar quanto não familiar, 2017, Campos dos Goytacazes, RJ.

Classe de idade	Total		Agricultura familiar		Não familiar	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Todas as classes de idade	4.811	1.306	2.960	855	1.851	451
Menor de 25 anos	40	13	22	1	18	12

Fonte: elaborado pelo próprio autor, dados extraídos do Censo Agropecuário de 2017, IBGE.

Na tabela 6 temos o número de estabelecimentos com concessionário ou assentado sem titulação definitiva segundo classe de idade entre todas as classes de idade e de sexo e categoria agricultura familiar e não familiar. Temos no total 637 estabelecimentos de concessionário ou assentado sem titulação definitiva de todas as classes de idade composta por homens, sendo 565 estabelecimentos da agricultura familiar e 72 estabelecimentos da agricultura não familiar. Temos um total de 117 estabelecimentos de concessionário ou assentados sem titulação definitiva de todas as classes de idade composta por mulheres, destes 159 estabelecimentos da agricultura familiar e 18 estabelecimentos da agricultura não familiar. Ainda temos na classe dos jovens menor de 25 anos de concessionário ou assentado sem titulação definitiva um total de 10 estabelecimentos composta por homens sendo sete da agricultura familiar e três da agricultura não familiar. Já os jovens menor de 25 anos concessionário ou assentado sem titulação definitiva é composta por mulheres, cujo total de dois estabelecimentos sendo um estabelecimento da agricultura familiar e um estabelecimento da agricultura não familiar.

Tabela 6: Número de estabelecimentos com concessionário ou assentado sem titulação definitiva, segundo a classe de idade e sexo do produtor, tanto a categoria agricultura familiar quanto não familiar, 2017, Campos dos Goytacazes, RJ.

Classe de idade	Total		Agricultura familiar		Não familiar	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Todas as classes de idade	637	177	565	159	72	18
Menor de 25 anos	10	2	7	1	3	1

Fonte: elaborado pelo próprio autor, dados extraídos do Censo Agropecuário de 2017, IBGE.

Na tabela 7 temos o número de informantes por estabelecimentos agropecuários segundo a classe de idade de jovem menor de 25 anos e escolaridade. De um total de 15.522 informantes, temos 6.667 que sabem ler e escrever, 1.094 que não sabem ler e escrever, 781 que nunca frequentou a escola, 517 que tem a classe de alfabetização – CA, 28 cuja alfabetização ocorreu na modalidade EJA, 2.234 com o antigo primário, 641 cursaram com o antigo ginásial, 1.697 com o 1º grau – ensino fundamental regular, 8 cursaram o 1º grau na modalidade EJA, 50 obtiveram o antigo científico, 1.117 concluíram o 2º grau do ensino médio, 182 com o técnico do ensino

médio, 10 cursaram o 2º grau na modalidade EJA, 452 frequentaram o ensino superior e 44 com o mestrado ou doutorado.

Tabela 7: Número de informantes, por estabelecimentos agropecuários, segundo a classe de idade e escolaridade, 2017, Campos dos Goytacazes, RJ.

Escolaridade	Total	Menor de 25 anos
Sabe ler e escrever, sim	6.667	98
Sabe ler e escrever, não	1.094	3
Nunca Frequentou a Escola	781	1
Classe de Alfabetização – CA	517	2
Alfabetização EJA	28	-
Antigo Primário	2.234	11
Antigo Ginásial	641	9
Regular do Ensino Fundamental ou 1º. Grau	1.697	30
EJA 1º. Grau	8	-
Antigo Científico	50	-
Regular do Ensino Médio ou 2º Grau	1.117	44
Técnico do Ensino Médio	182	1
EJA – 2º. Grau	10	-
Superior Graduação	452	2
Mestrado ou Doutorado	44	1

Fonte: elaborado pelo próprio autor, dados extraídos do Censo Agropecuário de 2017, IBGE.

Na classe dos jovens menor de 25 anos temos um total de 202 informantes, sendo que nas categorias alfabetização na modalidade EJA, 1º grau modalidade EJA, antigo científico e 2º grau modalidade EJA não teve nenhum indicativo; nas outras categorias temos 98 que sabem ler e escrever, três que não sabem ler e escrever, um nunca frequentou a escola, dois com classe de alfabetização, 11 fizeram o antigo primário, nove o antigo ginásial, 30 o 1º grau do ensino fundamental, 44 finalizaram o 2º grau do ensino médio, um com técnico do ensino médio, dois com o ensino superior e um com formação de mestrado ou doutorado. É importante ressaltar o número de estabelecimentos com curso superior e técnico o que indica que muitos agricultores tem conseguido acesso ao ensino superior o que reforça a organização dos movimentos sociais na luta por acesso a educação, não só de nível básico, mais também acadêmico e profissional.

Nas tabelas apresentadas foi possível observar a importância e impacto da agricultura familiar no município de Campos dos Goytacazes, pois, de forma geral, a categoria agricultura familiar concentra o maior número de estabelecimentos. No que tange os jovens menores de 25 anos, mesmo que com diferença pequena, a agricultura não familiar tem um número maior de estabelecimentos exceto no que tange aos estabelecimentos de assentamentos ou sem titulação definitiva, em que os jovens da agricultura familiar têm o dobro de estabelecimentos da agricultura não familiar.

2.1. O MST e o assentamento Antonio de Farias

Segundo Alentejano (2005), o Programa do Proálcool, nos anos de 1970, levou dois acontecimentos: de um lado, a eliminação de antigos engenhos e a implantação de usinas modernas e, de outro, a concentração fundiária, “que resulta da redução do número de fornecedores, uma vez que as usinas impõem padrões de produção que muitos pequenos fornecedores não conseguem cumprir o que acaba por alijá-los do setor” (ALENTEJANO, 2005, p.13).

Neves (1997) aborda que os conflitos agrários foram respostas à concentração fundiária e a expulsão de trabalhadores do campo. Para Aquino (2008), os assentamentos rurais da região, em sua maioria, são oriundos de ocupações realizadas em fazendas pertencentes a antigas usinas de cana-de-açúcar, que vivenciaram um processo falimentar a partir da década de 1980 (AQUINO, 2008, p.18).

Segundo Aquino (2008), isso se deve ao fim do Programa Proálcool que tinha como objetivo ser uma opção de combustível mais barato frente o aumento da gasolina, consequência do aumento do preço internacional do petróleo. O cenário no município era de usinas falidas, de 26 unidades restaram oito, a modernização da produção e do plantio contribuiu para a precarização do trabalho, uma vez que, a colheita era manual ainda nesse momento houve ainda a expulsão de funcionários que viviam nos locais de moradia das usinas. A alta concentração fundiária nas mãos de usineiros, uma sequência de pedidos de falência das usinas sem pagar direitos trabalhistas gerou um alto desemprego aliada a uma alta inflação o que agravou ainda mais a situação dos trabalhadores atrelada a grandes extensões de terras improdutivas (AQUINO, 2008).

Em um cenário caótico de falência e fechamento de usinas, desemprego, que o MST retoma, a partir dos anos 1990, suas ações no Estado do Rio de Janeiro e volta sua atenção para a região Norte

Fluminense. Havia ali uma vasta extensão de terras improdutivas em função das sucessivas falências ocorridas (MACEDO, 2006 *apud* AQUINO, 2008, p.18)

Desta forma, a luta pela reforma agrária, muitas vezes engendrada pelos próprios trabalhadores das usinas que não receberam seus direitos trabalhistas, se deu via movimentos sociais, sobretudo com a atuação do Movimento dos Trabalhadores sem Terra – MST. Desde os anos 1990, têm surgido assentamentos no município chegando a um total de dez assentamentos somente neste município, segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA.

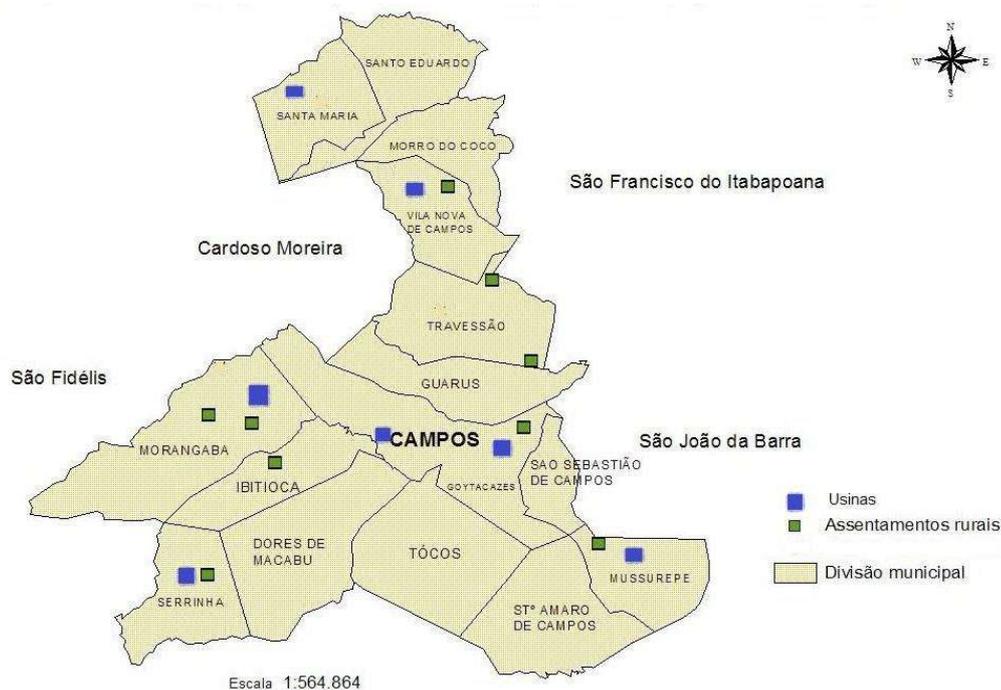
Quadro 01: Assentamentos rurais criados em Campos pela atuação do MST.

Assentamentos	Fundação	Número de famílias
Zumbi dos Palmares	1997	506
Ilha Grande	1998	58
Che Guevara	1998	73
Antônio de Farias	2001	93
Dandara dos Palmares	2003	25
Terra Conquistada	2004	11
Paz na Terra	2004	73
Francisco Julião	2006	47
Oziel Alves	2007	35
Josué de Castro	2008	34
Total		955

Fonte: Gonçalves (2012).

Segundo Moreira; Santos (2017, s/p), o primeiro assentamento criado no município aconteceu no ano de 1987, nas terras da antiga Usina Novo Horizonte, e abrangeu 300 famílias. Gonçalves (2012) retrata, em seu trabalho, que até 2011, foram criados 276 Projetos de Assentamentos no Estado do Rio de Janeiro e 10 em Campos dos Goytacazes (Quadro 01), com aproximadamente 1.135 famílias e em 17 mil hectares.

Figura 02: Localização das usinas e dos assentamentos rurais no Município de Campos dos Goytacazes, RJ.



Fonte: CPT - <http://www.cptnacional.org.br/>

A chegada do MST em Campos se dá em meados da década 1990, devido ao grande número de terras com dívidas e improdutivas na região, foi então que “Integrantes do MST passaram então a ocupar as antigas fazendas produtora de cana-deaçúcar que se localizava em terras consideradas improdutivas. Entraram nos latifúndios, montaram barracas e ergueram a bandeira” (AQUINO, 2008, p. 64).

Isso significou uma mudança na identidade do movimento, devido ao grande número de trabalhadores que tinham um caráter rural-urbano que se concentravam nas periferias urbanas da região diferente da base original os trabalhadores rurais pauperizados ou explorados. Além de considerável resistência dos proprietários que tinham suas terras ocupadas, houve aqueles que aceitaram a desapropriação com a finalidade de beneficiar-se das indenizações do governo e também um cultura tradicional católica baseada Tradição, Família e Propriedade (TFP) que oferece certa resistência no que tange aos processos coletivos por ter um caráter mais individualista (AQUINO, 2008, p. 66).

Assim, em virtude do insucesso na experiência migratória principalmente para os centros urbanos, provenientes das dificuldades atravessadas no campo proporcionado pelo declínio da atividade sucroalcooleira, frequentemente, uma das saídas encontradas pelos trabalhadores agrícolas residentes na periferia urbana para enfrentar o

desemprego no setor sucroalcooleiro e a falta de alternativa de emprego na zona urbana – problemas que perduram até os dias de hoje – tem sido a ocupação de terras pertencentes a fornecedores ou a usinas falidas (AQUINO, 2008, p.66).

O Assentamento Antônio de Farias foi implementado nas terras da antiga Fazenda Santa Rita do Pau Funcho, cuja área era de 1.221,0230 hectares, próximo a BR-101 (ITERJ, 2021). Em 2000, o imóvel rural foi declarado de interesse social, para fins de reforma agrária. “O Decreto Federal de 8 de agosto de 2000, declarou o interesse social, para fins de reforma agrária, do imóvel designado por Fazenda Santa Rita do Pau Funcho (Processo INCRA/SR-07/Nº 54180.001965/99-72), nos termos dos arts. 2º da Lei Complementar nº 4.504, de 30 de novembro de 1964 e 2º da Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993, para nele desenvolver o projeto em referência, cuja imissão na posse ocorrera em 6 de fevereiro de 2001” (ITERJ, 2021, online, s/p).

Em 6 de maio de 2001, o INCRA e o Estado do Rio de Janeiro firmaram o primeiro aditivo ao Termo de Cooperação Técnica, tendo como finalidade promover, mediante ações conjuntas de custeio, financiamento e apoio técnico, o apoio às atividades pertinentes à implantação e promoção do desenvolvimento econômico e social do projeto de assentamento de reforma agrária *Antônio de Farias*, no imóvel rural desapropriado da Fazenda selecionada[...] o ITERJ construiu 93 (noventa e três) unidades habitacionais no Assentamento, divididas em 09 núcleos, com 50,46m², compreendendo dois quartos, um banheiro, uma sala, uma cozinha, uma área externa e uma varanda, cuja composição atende às necessidades da família média local, permitindo ampliação futura da obra, por meio de licitação, na modalidade Tomada de Preços (TP nº 001/CPL/ITERJ/2001 - PA), sendo a entrega das chaves realizada em 2004 (ITERJ, 2021, *on line*, s/p).¹

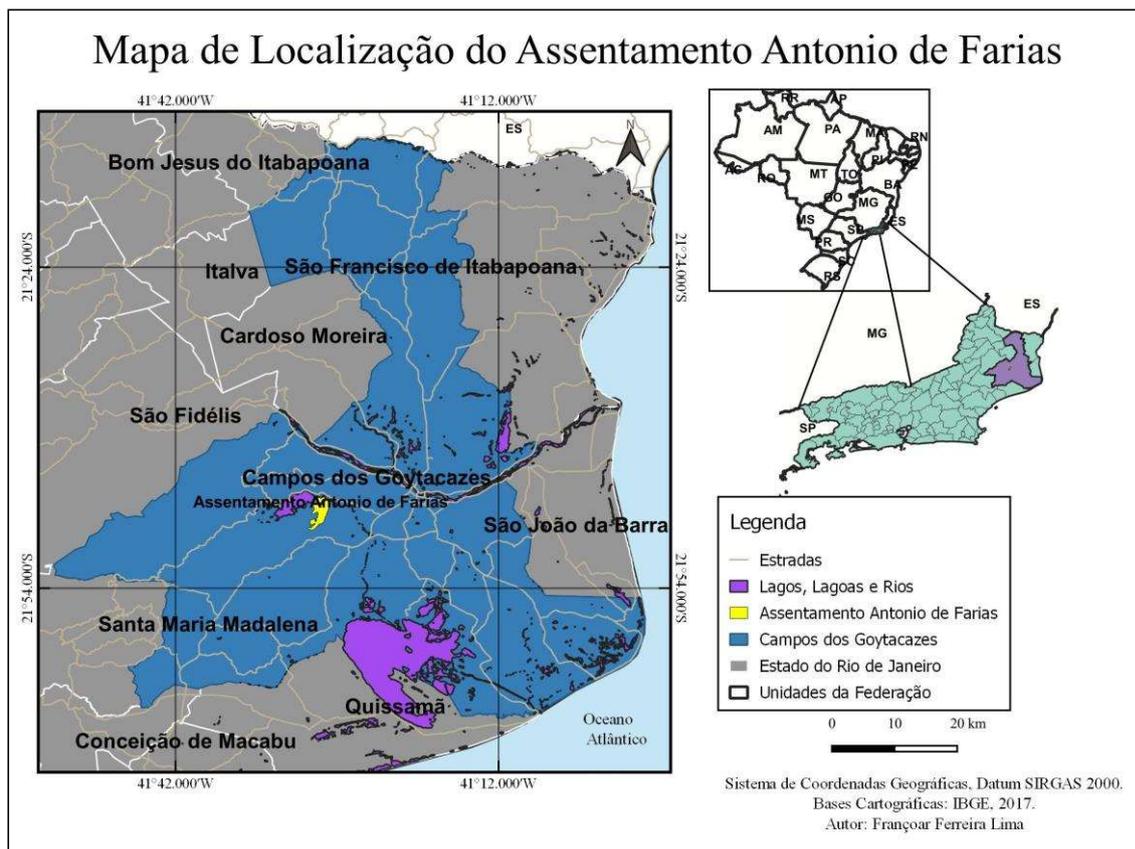
O Assentamento Antonio de Farias (Figura 3) está localizado na porção leste do município de Campos dos Goytacazes, a uma distância de cerca de 20 km do centro urbano. O assentamento foi constituído por meio da organização do MST. Foi possível constatar no próprio assento *in loco*, que são 95 lotes de assentados e mais uma família que mora na antiga sede da fazenda (única que não tem lote). O assentamento está relativamente próximo de áreas mais urbanas como as localidades de Pernambuco e

¹ Informação extraída do site: Assentamentos de Reforma Agrária.

http://www.iterj.rj.gov.br/iterj_site/assentamentos-reforma-agraria. Acesso em 20 de set. de 2021.

Ibitioca além de ser um assentamento próximo ao centro urbano e permite o deslocamento dos moradores entre o campo e a cidade, para fins de comercialização dos produtos, acesso à saúde e educação, prestação de serviços e também para atividade laboral remunerada fora do assentamento.

Figura 3: Mapa de Localização do Assentamento Antonio de Farias



Fonte: elaboração própria, com base nos dados do IBGE.

O assentamento é organizado em núcleos em formato de leque ou meia lua, cada lote tem aproximadamente sete hectares cada. Essa forma de organização facilita a convivência em coletivo, uma vez que as casas estão próximas umas das outras divididas em nove núcleos facilitando a sociabilidade entre as famílias.

Os deslocamentos se dão: no período das aulas, um ônibus escolar faz o deslocamento dos estudantes até as localidades de Ibitioca e Pernambuco, isso para o Ensino Fundamental I e II. Aqueles que necessitam se deslocar para a área central e cursar o Ensino Médio precisam ir para a localidade de Pernambuco, pois é limítrofe ao assentamento. Esse deslocamento acontece no próprio ônibus escolar que busca os estudantes do Ensino fundamental ou esse deslocamento é feito com o uso de moto,

bicicleta ou carona de alguma família do assentamento, deixando a moto ou bicicleta na casa de algum conhecido da localidade.

Assim, a questão da deslocação também está vinculada ao acesso à educação, pois nem todo (a)s tem acesso aos mesmos recursos e realidades para cursar outras as modalidades de ensino que estão concentradas no centro urbano. A dificuldade de acesso muitas vezes colabora para que os jovens do assentamento tenham uma baixa escolaridade, alguns nem chegam a terminar o ensino médio e preferem se dedicar ao trabalho, a fim de buscar alguma renda para ajudar a família como também comprar roupa, ir numa festa, comprar uma bicicleta ou moto, um celular e etc.

Quanto à atividade laboral dos jovens no assentamento, alguns não exercem atividades remuneradas (estudantes). Quando os jovens trabalham, em sua maioria, é no próprio lote ajudando a família ou trabalhando para outro assentado ou fora do assentamento como pedreiro, ajudante de pedreiro, mecânico, ajudante de mecânico e etc. Apesar de exercerem um trabalho não agrícola, não quer dizer que eles migraram e saíram definitivamente do assentamento, mas demonstra a necessidade de procurarem outras formas de se reproduzirem economicamente. As atividades agrícolas que o (a)s jovens relato desenvolver com a família no lote é a produção de milho, aipim (mandioca ou macaxera), coco, cana-de-açúcar, abóbora, laranja, banana, abacaxi, criação de animais (galinha, porco) e pecuária leiteira. A maioria destes produtos é voltada para a subsistência, sendo comercializado o excedente em feiras locais, nos mercados próximos e/ou para atravessadores.

2.2 Jovens e suas realidades

Para Stropassolas (2002), este fenômeno recebe novas dimensões e características no campo brasileiro, colocando em evidência as novas possibilidades de viver e organizar a produção seja ela agrícola ou não agrícola. Desta forma as antigas práticas tomam novas significações (novas funções) nos esforços de aumentar a renda familiar de maneira a garantir a manutenção do grupo familiar no campo. “Muito frequentemente, a pluriatividade expressa uma estratégia familiar adotada, quando as condições o permitem, para garantir a permanência do meio rural e os vínculos mais estreitos com o patrimônio familiar. (STROPASSOLAS, 2002, p 62)”. Essas estratégias de atividades laborais são acionadas de acordo com a realidade socioeconômica de cada família, desta forma, “as rendas não agrícolas e as possibilidades de trabalho fora do

estabelecimento estão associadas muito mais à precariedade das condições de vida que a novas alternativas de geração de riqueza para as famílias” (STROPASSOLAS, 2002, p 63).

Como o trabalho na agricultura muitas vezes não dá um retorno financeiro satisfatório para atender a necessidade do (a)s jovens e o trabalho na roça é muitas vezes vista com muito oneroso, o (a)s jovens procuram outras formas de obter uma forma de renda para se manterem no assentamento e até mesmo estudam e trabalham no lote ou fora do assentamento. Nesse sentido, Castro (2005), em sua tese, relata que “para alguns, esse trabalho tem como principal objetivo a manutenção do lote, já para outros o trabalho é o começo do processo de ‘saída’ do assentamento. Para outros, ainda, há uma combinação de interesses pessoais e da família (CASTRO, 2005, p. 251)”.

As principais reclamações do (a)s jovens é a má conservação das estradas, falta de assistência técnica, falta do trator (cedido pela prefeitura), a pouca iluminação do assentamento e a falta de atividades voltada para a juventude do assentamento². Muitos relataram gostar de viver no assentamento por ser um local tranquilo e sossegado, contrapondo a violência da cidade. Colaborando com isso Carneiro (2007) diz que “Assim o que antes era considerado negativo – ‘lugar parado’, ‘onde nada ocorre’ – atualmente tornou-se sinônimo de ‘tranquilidade’, ‘segurança’ e ‘boa qualidade de vida’” (CARNEIRO, 2007, p. 64).

As atividades de lazer do (a)s jovens se dão ao redor da igreja, do futebol e das festas que ocorrem nas localidades próximas e no assentamento como, por exemplo, a festa junina. Os jovens do assentamento constroem suas redes nas atividades de lazer, o futebol, por exemplo, é um fator principal de sociabilidade dentro e fora do assentamento com a organização dos jovens mesmo que espontânea. São realizados torneios internos e até jogam fora do assentamento em localidades próximas. Percebemos que a questão da reprodução da agricultura familiar no que diz respeito aos jovens além de serem múltiplas, um dos fatores principais é o trabalho, educação e mobilidade sendo uma condicionante para a outra.

O trabalho é fundamental para compreender os deslocamentos desses jovens, a educação não é somente uma mobilidade social, mas também a possibilidade de aplicação no dia-a-dia e a mobilidade para a possibilidade de permanência ou não. Não se trata que obrigar o (a)s jovens a permanecerem no campo, mais de possibilitar um horizonte de possibilidades onde o campo seja visto como meio de vida e valorizado.

Como o trabalho na agricultura muitas vezes não dá um retorno financeiro satisfatório para atender a necessidade do (a)s jovens e o trabalho na roça é muitas vezes vista com muito oneroso, o(a)s jovens procuram outras formas de obter uma forma de renda para se manterem no assentamento e até mesmo estudam e trabalham na lote ou fora do assentamento. Nesse sentido, Castro (2005), em sua tese, relata que “para alguns, esse trabalho tem como principal objetivo a manutenção do lote, já para outros o trabalho é o começo do processo de ‘saída’ do assentamento. Para outros, ainda, há uma combinação de interesses pessoais e da família (CASTRO, 2005, p. 251)”.

As principais reclamações do (a)s jovens é a má conservação das estradas, falta de assistência técnica, falta do trator (cedido pela prefeitura), a pouca iluminação do assentamento e a falta de atividades voltada para a juventude do assentamento². Muitos relataram gostar de viver no assentamento por ser um local tranquilo e sossegado, contrapondo a violência do meio urbano, principalmente dos centros³. Colaborando com isso Carneiro (2007) diz que “Assim o que antes era considerado negativo – ‘lugar parado’, ‘onde nada ocorre’ – atualmente tornou-se sinônimo de ‘tranquilidade’, ‘segurança’ e ‘boa qualidade de vida’” (CARNEIRO, 2007, p. 64).

As atividades de lazer do (a)s jovens se dão ao redor da igreja, do futebol e das festas que ocorrem nas localidades próximas e no assentamento como, por exemplo, a festa junina. Vale salientar que o(a)s jovens do assentamento constroem relações também por essas atividades de lazer, o futebol, por exemplo, é um fator principal de sociabilidade dentro e fora do assentamento com a organização dos jovens mesmo que espontânea. São realizados torneios internos e até jogam fora do assentamento em localidades próximas. Percebemos que a questão da reprodução da agricultura familiar no que diz respeito aos jovens além de serem múltiplas, um dos fatores principais é o trabalho, educação e mobilidade sendo uma condicionante para a outra.

O trabalho é fundamental para compreender os deslocamentos desses jovens, a educação não é somente uma mobilidade social, mas também a possibilidade de aplicação no dia-a-dia e a mobilidade para a possibilidade de permanência ou não. Não se trata que obrigar o (a)s jovens de permanecerem no campo, mais de possibilitar um horizonte de possibilidades onde o campo seja visto como meio de vida e valorizado.

² Dados obtidos por email de questionários aplicada em atividades no assentamento Antonio de Farias.

Diante do exposto, surgiu a possibilidade de realizar uma oficina pedagógica com os jovens a partir de sua demanda por nova oportunidade de renda, em busca de uma maior autonomia financeira e independência. Trocamos conhecimentos sobre modos ancestrais de cultivo, de preparo da terra o que poderíamos replicar sem muitos problemas.

E nessa conversa um deles comentou que em seu lote era costume deixar os restos vegetais de decompondo para nutrir o solo. Daí veio à ideia de construir uma composteira, produzir seu próprio adubo e ainda poder comercializar esse produto, para conseguir uma fonte de renda entre eles. Foi feito uma roda de conversa no assentamento, foi escolhido o lote, onde conseguiríamos os materiais e a programar a separação dos restos de alimentos orgânicos, juntar esterco e restos vegetais para a montagem da composteira e as ferramentas para limpar, cortar e cavar. A iniciativa dessa oficina proporcionou o contato com o laboratório de solos do CCTA da UENF e juntos com a equipe no NERU/UFF deu uma pré-oficina a todos os membros antes da aplicação da oficina com os jovens.

A proposta era que outros jovens pudessem replicar as composteiras em seus respectivos lotes, até o momento ainda não foi possível verificar o andamento da mesma no assentamento. Mas foi possível verificar o empenho também de crianças e pais que participaram da atividade. O que proporcionou um enriquecimento dos conhecimentos trocados e construídos com os jovens ao longo da oficina. A falta de perspectivas e de oportunidade faz com que os jovens não tenham muita clareza do seu projeto de vida ou dos possíveis projetos que eles poderiam almejar. O projeto de vida que precisa ser concebido na meio rural é diametralmente diferente de um projeto de vida concebido no meio urbano. É possível que se crie híbridos de projetos de vida, entre trabalho agrícola e não agrícola, mais para isso, é necessário que os jovens tenham oportunidade para tal.

CAPÍTULO 3: JOVENS, EDUCAÇÃO E OFICINA PEDAGÓGICA NO ASSENTAMENTO ANTÔNIO DE FARIAS

‘Amanhã’, disse certa vez um gari da Prefeitura de Brasília, ao discutir o conceito de cultura, ‘vou entrar no meu trabalho de cabeça para cima’. É que descobrira o valor de sua pessoa. Afirmava-se. ‘Sei agora que sou culto’, afirmou enfaticamente um idoso camponês. E ao se lhe perguntar por que se sabia, agora, culto, respondeu com a mesma ênfase: ‘Porque trabalho e trabalhando transformo o mundo (FREIRE, 1967, p 110)

O papel da educação na sociedade é fundamental para a formação cidadã crítica que contribua para uma sociedade mais justa social e economicamente. Nesse sentido, é o ato de educar, ensinar conteúdos e valores que compõe um ideal de cidadão para uma determinada sociedade e visão de mundo, a percepção e ação no mundo em que se vive (FREIRE, 1967).

Segundo Nóvoa (1991), até o início da idade média, não se tinha uma preocupação com a educação, porém com a atividade do comércio vai permitindo o desenvolvimento dos centros urbanos vai surgindo uma nova classe, a burguesia. Até esse momento a educação se realizava na igreja para os próprios clérigos, porém com o desenvolvimento desses burgos, o número de estabelecimentos de ensino aumentou, principalmente após o rompimento de Lutero com a igreja, o incentivo à leitura da bíblia e a invenção da imprensa levou o aumento na quantidade de estabelecimento de ensino até o século XVI. Até esse momento a educação era dever da família e da comunidade.

No entanto, com a ascendência social da burguesia a preocupação com a educação se faz necessária e entre o século XVI e XVIII a educação passa a ser papel da igreja e no final do século XVIII as mudanças sociais e as necessidades econômicas fez com que a educação deixasse de ser dever da igreja e passava a ser dever do estado. Para Nóvoa (1991) não se torna homem sem que a este lhe seja transmitido coletivamente uma forma de compreender o mundo reproduzindo um conjunto de significados uma forma de existência, ou seja, a cultura. Afirmando “As sociedades humanas reproduziam as características e as normas culturais da vida coletiva do grupo através de uma espécie de impregnação cultural.” (NÓVOA, 1991, p 110). E enfatiza “A educação enquanto projeto explícito de transmissão cultural é um fenômeno relativamente recente” (NÓVOA, 1991, p 110).

Para Saviane (1996) a educação visa o homem como objetivo de sua própria promoção, da necessidade de conhecer o próprio homem. Sendo o homem um corpo condicionado no tempo e no espaço é dependente da natureza, mas não só condicionado por ela como também pela cultura. Nessa perspectiva o homem é encaixado, enquadrado marcado por contornos históricos marcados pela tradição, linguagem, costumes e crianças, a cultura para ele é a transformação do homem no meio. Ou seja, é capaz de superar condicionamentos não sendo totalmente determinado, é livre e autônomo, é sujeito jamais objeto. “Do ponto de vista da educação o que significa, então, promover o homem? Significa tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação para intervir nela transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens.” (SAVIANE, 1996, p 38).

A educação para os autores citados é produto da cultura de uma determinada sociedade, nesse sentido a forma, o conteúdo, os valores, os símbolos, a linguagem condicionam uma determinada visão de mundo, de se reconhecer no mundo e de agir nele. Nesse sentido uma educação crítica é aquela que revela o que está oculto, ou seja, desvela significados e símbolos que ora pode proporcionar sua opressão ou sua liberdade. A educação nesse sentido é uma reprodução de um determinado projeto de sociedade e visão de mundo, e como a cultura não é algo imutável a educação tem esse caráter transformador. É importante compreender que a educação que conhecemos nos dias de hoje foi concebida pela burguesia, que reproduz a lógica do lucro, do consumo, do desenraizamento daqueles que são explorados por esta burguesia. Logo existem diferentes formas de educar, diferentes pedagogias, metodologias e ferramentas. Aqui fica claro que a educação não é neutra, mas nela reside um projeto de vida, de visão de mundo, de estar, se perceber e agir no mundo.

Nesse sentido, Freire (1967, p 89):

Parecia-nos, deste modo, que, das mais enfáticas preocupações de uma educação para o desenvolvimento e para a democracia, entre nós, haveria de ser a que oferecesse ao educando instrumentos com que resistisse aos poderes do ‘desenraizamento’ de que a civilização industrial a que nos filiamos está amplamente armada”.

Trata-se de uma educação em que o educando não seja um objeto, mais sim sujeito do mundo, sujeito de si, um agente que age com o outro em oposição à ideologia dominante. Dominação que se dá por meio de uma impregnação cultural, de uma educação hierarquizada, e distante da realidade daqueles que se encontram oprimido.

Nesse sentido, para Freire (1996) ensinar não é depositar conteúdo em um recipiente para vello cheio, o autor é contra uma educação bancária em que o educando é visto como um recipiente vazio que necessita ser preenchido pelo conteúdo proposto, desta forma, “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p 47).

Na Base Nacional Comum Curricular – BNCC o ensino de geografia aparece como:

“Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças.

Para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico. O pensamento espacial está associado ao desenvolvimento intelectual que integra conhecimentos não somente da Geografia, mas também de outras áreas (como Matemática, Ciência, Arte e Literatura). Essa interação visa à resolução de problemas que envolvem mudanças de escala, orientação e direção de objetos localizados na superfície terrestre, efeitos de distância, relações hierárquicas, tendências à centralização e à dispersão, efeitos da proximidade e vizinhança etc.” (BRASIL, 2018, p 353).

A BNCC, aprovada em 2018, estabelece o currículo comum para o Brasil, ou seja, o que sistematiza as disciplinas e seus conteúdos tanto para as escolas do ensino público como para o privado. A geografia aparece como disciplina formadora do conceito de identidade, identidade cultural, relações hierárquicas, entre outros. Esses conceitos nos auxiliaram a compreender a educação do campo assim como a oficina pedagógica proposta neste capítulo. Porém para que haja um respeito ao outro, não só

entre docente e educando, mas também entre os educandos, os pais e a comunidade onde o educando está inserido. Nesse contexto Freire (1981) ressalta “queremos afirmar que eles não devem ser considerados como ‘vasilhas’ vazias nas quais se vá depositando o conhecimento dos especialistas, mas pelo contrário, sujeitos, também, do processo de sua capacitação” (FREIRE, 1981, p 26).

3.1. Oficina no Assentamento Antonio de Farias

Assim como a oficina pedagógica têm como público-alvo os jovens do assentamento Antonio de Farias, cabe pontuar sobre a educação do campo. Como vimos a educação não é neutra e o projeto da burguesia para o campo não é reforma agrária, muito menos os pequenos agricultores, pois por natureza as elites disputam um outro projeto de campo, o campo como lugar do lucro, da monocultura, dos ataques aos indígenas, quilombolas, ribeirinhos etc. É necessária uma educação do/no campo nas escolas, desta forma:

Estamos entendendo por escola do campo aquela que trabalha os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores e trabalhadoras do campo, nas suas diversas formas de trabalho e de organização, na sua dimensão de permanente processo, produzindo valores, conhecimentos e tecnologias na perspectiva do desenvolvimento social e econômico igualitário desta população (FERNANDES, CERIOLI, CALDART, 2011, p 53).

Assim, quanto à oficina pedagógica, é a produção de conhecimento por meio da ação, sem perder de vista a teoria orientada pelo professor. O processo cognitivo ganha uma dimensão maior incorporando a ação e a reflexão, se tornando um processo ativo de construção do conhecimento. Nesse sentido, a oficina realizada no dia 07 de dezembro de 2019 no Assentamento Antônio de Farias teve dois importantes papéis: a) associar conceitos, pressupostos e noções concretas, vivenciada pelos jovens; b) construção e/ou apropriação coletiva de saberes (PAVIANE, 2009), “Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva” (PAVIANE, 2009, p 78).

Desta forma, o foco da oficina está na aprendizagem e no aprendiz. Os jovens foram inseridos na preparação da oficina a fim de priorizar os conhecimentos prévios a partir de suas vivências no assentamento.

A oficina pedagógica foi desenvolvida para os jovens do assentamento Antonio de Farias para os jovens entre 15 e 29 anos para todos os núcleos do assentamento, mas participaram ativamente àqueles residentes no núcleo sete. A proposta da oficina e o tema surgiram da interação com os jovens no assentamento. E com os professores do laboratório de solos CCTA da Universidade Estadual Norte Fluminense. Assim o tema foi a importância da compostagem para obtenção de terra preta e chorume com vistas a incentivar as práticas agroecológicas na perspectiva da educação do campo. A oficina foi realizada no dia 07/12/2019 no lote 1 do núcleo 7. Para a elaboração, além do autor, esteve presente toda a equipe do NERU/PET e uma parceria feita com o laboratório de solos CCTA da UENF.

Os objetivos da oficina (fotos 1, 2 e 3) foram: estreitar relações com os jovens para realizar futuros projetos e valorizar os saberes locais articulando o conhecimento científico através da compostagem. Os materiais para a realização da mesma foram, varas de bambu, lona plástica e garrafa pet (materiais in loco, além de cavadeira, enxada, e facão (para o corte do bambu). O material didático é oriundo do próprio laboratório de solos da UENF. Com a produção da terra preta para atender as demandas internas por adubo e também a possibilidade da venda, caso os jovens queiram multiplicar essa experiência e obter renda.

Fotos 1, 2, 3: Retratos da construção da Composteira no Assentamento Antônio de Farias, 2019.



Fonte: Pesquisa de Campo, dez. de 2019

Também tem o chorume que, além de servir como adubo, pode ser usado para combater algumas pragas e sem causar dano ao solo, juntando os restos orgânicos e logo após misturar com esterco e hidratar a composteira. Tínhamos como expectativa que a experiência fosse reproduzida por outros jovens, porém com a pandemia e a

impossibilidade de acompanhar de maneira mais próxima dos resultados, a continuidade da compostagem não foi efetivada. Participaram da oficina (fotos 4 e 5), não só o público-alvo (os jovens) mais também alguns adultos e crianças.

Fotos 4 e 5: Explicação do funcionamento da composteira, 2019.



Fonte: Pesquisa de campo, dez. de 2019.

Não foi possível verificar o andamento da proposta no assentamento, pois no dia 16 de março de 2020 foi decretada a pandemia no Brasil em decorrência da Covid-19, o que impediu que tanto o autor como o NERU/PET não pudessem acompanhar os passos da oficina. Como a internet é algo precário na área do assentamento, o último contato feito pelo autor com o jovem do lote escolhido para a construção da composteira, a continuidade da oficina para a obtenção de seus resultados não teve a expectativa alcançada. Neste caso, pode ter sido não só a pandemia mais outros fatores como discutido no capítulo 1 deste trabalho.

Fotos 6 e 7: Participantes da Oficina de construção de composteira, 2019.



Fonte: Pesquisa de Campo, dez. de 2019.

É necessário considerar que o assentamento é fruto da luta pela terra. Nesse sentido, o assentamento é um território desses sujeitos que pelo processo de monocultura da cana-de-açúcar já haviam sido expulsos de suas terras. É possível afirmar que existe então uma territorialidade ,como diz Haesbaert (2007), “além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está ‘intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar’(HAESBAERT, 2007, p 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a construção deste trabalho foi possível concluir que a categoria jovem/juventude é heterogênea, permeada por contradições, hierarquias, pressões interna (família) e externa (sociedade). Portanto, qualquer forma de generaliza-los significa esvaziar essa categoria que é tão importante para a produção e reprodução de modos de vida e do próprio território em que vivem.

A juventude é uma categoria em disputa e em conflito, disputa que se dá pelos projetos de territorialização do capital, propagandas, ideologias, culturas distintas e em conflito por assumir ou não distintas identidades (fora do rural são considerados rurais e dentro do rural são considerados urbanos).

Apesar dos jovens reconhecerem o estudo como importante, por conta do trabalho, acabam abandonando-o com a pretensão de retorno quando possível. A descentralização da educação dos centros urbanos é essencial para garantir uma democratização do acesso para os jovens rurais, não só o transporte dos alunos para os centros urbanos, mais sim a construção e manutenção de unidades de ensino no campo.

A oficina desenvolvida no assentamento no dia 07 de dezembro de 2019 teve como objetivo a construção de saberes e conhecimentos sobre a decomposição da matéria orgânica como forma de obtenção de adubo tanto para gerar uma renda quanto para a utilização no próprio assentamento de maneira mais limpa e sustentável.

Como os jovens não deram prosseguimento à manutenção da composteira, isso não significa necessariamente o fracasso da mesma, mas a possibilidade de um estudo mais profundo da realidade vivenciada principalmente no que tange à hierarquia entre pais e jovens do assentamento. A negação, o não cumprimento dessa proposta também é uma resposta na investigação de seu objeto de estudo.

Certas indagações surgiram na fase de projeto de TCC, como: quem são esses jovens? Qual a sua relação com o rural? Onde trabalham? Porém toda pesquisa tem suas limitações e as condições imposta pelo período pandêmico não permitiu um estudo mais profundo e proveitoso. Deixo aqui estas indagações a quem queira se debruçar sobre esse tema tão rico como é a juventude rural. Afinal, uma pesquisa pode levantar novas questões para que outros pesquisadores possam se aprofundar e contribuir com novas reflexões, dados e conhecimentos científicos que promova o conhecimento científico e sua aplicação na sociedade.

Ademais, cabe salientar a importância da educação para a valorização desses sujeitos e principalmente valorizando seus conhecimentos prévios em busca de sua autonomia como sujeitos capazes de transformar a própria realidade local. É necessário se trabalhar nas políticas públicas voltado para a juventude rural, que se preocupe com o projeto de vida de cada um e que se possa dar acesso e oportunidades para que esses jovens possam de fato escolher entre “sair” ou “ficar” na meio rural, que possa realizar seus sonhos e projetos valorizando o campo e valorizando seu modo de viver.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo. Limita da propriedade da terra no Brasil não acabaria com as grandes propriedades. **Escola politécnica de saúde Joaquim Venâncio**, Rio de Janeiro, p. 1-5, 27 ago. 2012.

AQUINO, Silvia Lima de. **O caminho do campo**: As relações entre reforma agrária e migrações rural-urbano-rural e urbano rural. Um estudo de caso em Campos dos Goytacazes. Orientador: Canrobert Penn Lopes Costa Neto. nt. 182 p. Dissertação (Mestrado em ciencias sociais em desenvolvimento, agricultura e sociedade) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008

Botton Barcellos, S. (2015). A formulação das políticas públicas para a juventude rural no Brasil e os elementos constitutivos desse processo social. *Mundo Agrario*, 16(32). Recuperado a partir de <http://www.mundoagrario.unlp.edu.ar/article/view/MAv16n32a10>

CARNEIRO, Maria José. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. *In*: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. cap. Primeira parte, p. 53-66. ISBN 978-85-7478-240-9

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. 312p.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria juventude rural**. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia social), CPDA, UFRRJ Rio de Janeiro, 2005. 444p CASTRO, Elisa Guaraná de. **Processos de Construção da categoria juventude rural como ator político**: participação, organização e identidade social. In: 26 Reunião brasileira de antropologia, 06/2008 Porto Seguro. 15p.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Os jovens estão indo embora? Juventude rural e a construção de um ator político**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. 223p.

COLASSANTE, Tatiana. **O processo de reterritorialização dos gaúchos no norte do Paraná: a construção de uma identidade cultural.** Orientador: Marcos Aurelio Saquet. 2016. 318 p. Tese (Doutorado) - Geografia, Presidente Prudente, 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/45683572-O-processo-de-reterritorializacao-dos-gauchos-no-norte-do-parana-a-construcao-de-uma-identidade-territorial.html>. Acesso em: 9 ago. 2019.

DURÕES, Rafaela Gonçalves da Silva; NEY, Vanuza da Silva Pereira. Questão agrária e desenvolvimento rural: condições de habitação e infraestrutura dos domicílios rurais do assentamento Antonio de Farias no município de Campos dos Goytacazes/RJ. **Interfaces em desenvolvimento, agricultura e sociedade**, nd, v. 10, n. 1-2, p. 138-159, 2018.

HADDAD, Ludmila Neves. **Analisando as Tensões Entre Produção Agrícola e Conservação Ambiental no Contexto dos Assentamentos de Reforma Agrária, Campos dos Goytacazes, RJ.** 2009. Dissertação (Mestrado - Políticas Sociais), Campos dos Goytacazes, 2009. 147p.

FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. Primeira conferência nacional "por uma educação básica do campo. *In*: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. cap. 1, p. 20-63.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 149 p

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 157 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009. 149 p.

HAESBAERT, Rogério. Território e Multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Niterói, ano IX, n. 17, p. 19-46, 2007.

KUHN, Claudete; BRUMES, Karla Rosário. Metodologias da pesquisa em geografia: investigando a juventude rural. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, RS, v. 42, n. 1, p.97-116, jan. 2015. 21p.

LIZARAZO, Robizon Piñeros; THOMAZ JUNIOR, Antonio. Juventude rural e mobilidade territorial do trabalho no século XXI. **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v. 17, n. 2, p. 251-268, dez. 2016.

MEDEIROS, Alexsandro M.; RODRIGUES, Renan A. Considerações da Teoria Crítica para abordagens crítico-dialéticas em Ciências Humanas e Sociais. In: RODRIGUES, Gilse E.; JUSTAMAND, Michel; CRUZ, Tharcísio S. **Fazendo Antropologia no Alto Solimões: diálogos interdisciplinares**. São Paulo: Alexa Cultural, 2016, p. 131-146

MOREIRA SANTOS, Érika Vanessa; LIMA, Maria do Socorro Bezerra de. O rural no norte fluminense. **XI - Encontro nacional da ANPEGE**, nd, p. 2828-2839, 5 out. 2015.

EDUCAÇÃO (Brasil). Ministério da Educação. Norma técnica. **Base Nacional Comum Curricular**, Brasília, p. 1-600, 2018.

NÓVOA, António. Para o estudo sócio-histórico genese e desenvolvimento da profissão docente. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria e educação: dossie: interpretando o trabalho docente**. 4. ed. Porto Alegre: Pannonica, 1991

PAVIANE, Neires Faria soldatelli; FONTANA, Niura Maria. Oficinas Pedagógicas: relato de uma experiencia. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 77-88, 2009.

PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Geografia e Pesquisa Qualitativa: um olhar sobre o processo investigativo. **Geoufrj**, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/3682/2554>. Acesso em: 14 jun. 2019.

SÁNCHEZ GAMBOA, Sílvio. **Epistemologia da pesquisa em educação**. Orientador: Pedro L. Goergen. 1996. 156 p. Tese (Doutorado - Educação), Campinas, SP, 1998. 126p.

SAVIANE, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 11. ed. Ni: Editora autores seleccionas, 1996. 247 p.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens**: o caso dos filhos (as) de agricultores familiares de Ouro/SC. Orientador: Maria Ignez Silveira Paulino. 2002. 288 p. Tese (Doutor em Ciências Humanas/sociedade e meio ambiente) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

TROIAN, Alessandra; BREITENBACH, Raquel. A questão da juventude na contemporaneidade estudo dos projetos de vida em Arroio do Tigre/RS. **Desenvolvimento em Questão**, Arroio do Tigre, Rs, v. 16, n. 44, p.1-18, 2018. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=75256208010>>. Acesso em: 17 jul. 2019.

TROIAN, A.; BREITENBACH, R. Jovens e Juventudes em Estudos Rurais do Brasil. **Interações (Campo Grande)**, v. 19, n. 4, p. 789, 5 out. 2018.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco**: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 21-33.

WEISHEIMER, Nilson. **A situação juvenil na agricultura familiar**. Porto Alegre. 2009 UFRGS. 331p (tese de doutorado orientado pela Dr Anita Brumer)p 51-88.

APÊNDICE

ROTEIRO DA OFICINA

ENCONTRO - Construindo conhecimentos com os jovens (7/12/2019) núcleo 7 lote 1

- A proposta consiste em um dia de atividades no assentamento Antonio de Farias com o objetivo de levar oficinas que contemple o cotidiano dos jovens.
- As atividades serão realizadas pelo NERU/PET e colaboradores/parceiros da UENF para a oficina de compostagem.
- O objetivo é estreitar relações com os jovens e realizar futuros projetos com os mesmos.

<p>-Encontro com os jovens do assentamento Antônio de Férias</p> <p>-Objetivo Geral- valorizar os saberes locais articulando ao conhecimento científico através da compostagem.</p>			
Etapas	Objetivo	Procedimen to	Resultado Esperado
-Dinâmica de apresentação (árvore dos sonhos)	Apresentar os participantes; perceber as perspectivas que os mesmos possuem para o futuro/profissional	-Em roda, cada aluno se apresentara e escreverá ou desenhará em um papel seu sonho e a profissão que deseja exercer	-Identificar as profissões que os jovens desejam exercer, para que se possa correlacionar com a situação educacional que os jovens estão inseridos.
- Roda de	Descobrir com	-Em roda	-

conversa (saberes ancestrais e novos saberes)	os jovens do assentamento os saberes e conhecimentos passados de geração por geração.	os participantes irão expor sobre os saberes que obtiveram com seus familiares e sua experiência .	Compreender como os saberes sociais estão ligados aos saberes técnico científicos, e como ciência e sociedade podem se relacionar.
- compostagem	- discutir a importância da compostagem e a produção de terra preta para o cultivo nos lotes e sua viabilidade econômica.	-os jovens farão uma roda onde uma pessoa vai fazer as explicações e expor o processo de decomposição do lixo orgânico assim como o seu adequado manejo.	- compreender o processo de decomposição dos materiais orgânicos e os procedimentos e técnicas para a produção de compostagem e terra preta.

Próximos passos...

- voltar com outra proposta de oficina e ver os resultados da oficina de compostagem.
- promover novos encontros